


SALMAN RUSHDIE

Os Filhos da Meia-Noite

6.^a edição




DOM QUIXOTE
[FICÇÃO UNIVERSAL]

Ficha Técnica

Título: *Os Filhos da Meia-Noite*
Título original: *Midnight's Children*
Autor: Salman Rushdie
Edição: Cecília Andrade
Revisão: Clara Joana Vitorino
ISBN: 9789722053464

Publicações Dom Quixote
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Salman Rushdie, 1981
© Publicações Dom Quixote, 1986
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.dquixote.leya.com
www.leya.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

para Zafar Rushdie
que, contrariando todas as previsões,
nasceu da parte da tarde

LIVRO PRIMEIRO

O LENÇOL FURADO

Nasci na cidade de Bombaim... um certo dia. Não, não pode ser assim. A data exata. Nasci na maternidade do Dr. Narlikar no dia 15 de agosto de 1947. Horas? A hora também é importante. Pode ser: seja: foi de noite. Não, procuremos ser mais... Foi exatamente ao bater da meia-noite. Os ponteiros do relógio uniram as palmas das mãos para me cumprimentarem respeitosamente e me darem as boas-vindas. Há que dizer tudo: fui dado à luz no exato momento em que a Índia se tornava independente. Continha-se a respiração. Do lado de fora da janela misturava-se o estralejar do fogo de artifício com a algazarra da multidão. Poucos segundos depois, o meu pai fraturou o dedo grande do pé; acidente insignificante em comparação com aquilo que me acontecia a mim naquele momento da noite; graças à tirania oculta dos relógios delicadamente acolhedores, eu passava a estar misteriosamente ligado à história e o meu destino indissolúvelmente unido ao do meu país. Durante as três décadas seguintes, ser-me-ia impossível escapar. A minha chegada tinha sido profetizada pelos adivinhos, celebraram-na os jornais, os políticos ratificaram a minha autenticidade. Não me foi consentido qualquer voto na matéria. Eu, Saleem Sinai, mais tarde chamado também Muco-nas Penca, Cara-Manchada, Careca, Sorve-Ranho, Buda e até Pedaco-de-Lua, fiquei definitivamente comprometido com o destino... as mais das vezes perigosamente amarrado a esse compromisso. Nessas alturas não tinha quaisquer possibilidades de me assoar.

Entretanto, o tempo (uma vez que não sei o que fazer de mim) está agora a chegar ao seu termo. Completarei em breve trinta e um anos. Se calhar. Se este meu corpo velho e escangalhado permitir. Mas não me restam grandes esperanças de me salvar, não tenho pela frente sequer mais algumas noites e uma noite. Tenho de ser rápido, mais rápido do que Xerazade, e é se quero deixar claro o sentido... Sim, o sentido. Não há nada que eu receie mais do que o absurdo.

E tenho tantas, tantas histórias para contar, são tantas vidas acontecimentos milagres lugares rumores que se entrelaçam, é tal a mistura de improvável e de mundano! Fui um devorador de vidas e para me conhecerem, só a mim, vão ter de engolir outras tantas. Em mim se cruzam e entrecrocaram multidões desaparecidas. Guiado apenas pela recordação dum enorme lençol branco, com um buraco vagamente circular de sete polegadas de diâmetro aberto no meio, amarrado ao sonho desse pano furado e mutilado que é o meu talismã, o meu abre-te, Sésamo, vou ter de reconstituir a história da minha vida a partir do momento em que ela efetivamente começou, aí uns trinta e dois anos antes de uma coisa tão óbvia e tão presente como foi o meu nascimento badalado pelos relógios e marcado pelo crime.

(O dito lençol, diga-se de passagem, está também manchado por três gotas de um vermelho velho desmaiado. Como diz o Alcorão: *Proclama em nome do Senhor teu Criador que fez o homem de um coágulo de sangue.*)

Em Caxemira, num dia de primavera de 1915, o meu avô Aadam Aziz, ao rezar, bateu com o nariz num torrão endurecido pelo gelo. Da narina esquerda caíram-lhe três pingos de sangue que o ar gélido instantaneamente endureceu e que logo a seguir caíram no tapete de reza transformados em rubis. Levantou-se, cambaleando, e percebeu que as lágrimas que lhe caíam dos olhos tinham também solidificado; e no instante em que, desdenhoso, arrancava os diamantes das pestanas, tomou a resolução de nunca mais beijar o chão diante de qualquer deus ou homem. Mas uma decisão desta abriu um vazio dentro dele, numa parte essencial do seu ser, tornando-o vulnerável às mulheres e à história. Sem tomar logo consciência do sucedido, embora tivesse concluído recentemente o curso de Medicina, levantou-se, enrolou o tapete de reza em forma de charuto e, metendo-o debaixo do braço direito, pôs-se a contemplar o vale, com os olhos libertos de diamantes.

O mundo tornava a ser novo. Após a gestação invernal no seu ovo de gelo, o mundo abria à bicadas a porta do ar livre, húmido e dourado. As ervas novas esperavam sob a terra a sua hora; as montanhas batiam em retirada para irem passar o tempo quente nas estações de altitude. (No inverno, quando o vale se embrulhava num manto de gelo, as montanhas aproximavam-se umas das outras, arreganhadas como autênticas mandíbulas esfomeadas em redor da cidade à beira-lago.)

Naquele tempo ainda não tinha sido levantada a antena radiofónica e era o templo de Sankar Acharya, minúscula cúpula negra no alto dum monte verde-escuro, que dominava as ruas e o lago de Srinagar. Nesse tempo não existia qualquer acampamento militar à beira do lago, não rastejavam ao longo dos estreitos caminhos da montanha as intermináveis serpentes de camiões e jipes camuflados; não havia soldados emboscados atrás dos cumes montanhosos para lá de Baramulla e Gulmarg. Nesse tempo os viajantes não eram alvejados como espiões quando fotografavam as pontes e, à parte os barcos de recreio ingleses que atravessavam o lago, o vale pouco tinha mudado desde o império mogol, sempre que voltava a primavera; mas os olhos do meu avô (que, tal como o resto da sua pessoa, tinham apenas vinte e cinco anos) viam tudo diferente. Veio-lhe uma comichão ao nariz.

Posso revelar-lhes o segredo da alteração verificada no olhar do meu avô: ele tinha passado cinco anos, cinco primaveras, longe do lar. (Aquele torrão decisivo, apesar de oculto sob o tapete de reza em que estava ajoelhado, foi simplesmente um catalisador.) De regresso à terra natal, via tudo com olhos de viajante. Em vez do pequeno vale metido entre a dentuça do gigante, o que mais impressionou foi a pequenez e a proximidade do horizonte; e deu-lhe uma grande tristeza este regresso a um lugar onde se via completamente cercado. Sentiu também (inexplicavelmente) a impressão de que aquela terra antiquíssima estava zangada com o seu regresso doutorado e estetoscopiado. Sob o manto frio do inverno, a terra natal ter-se-ia mostrado friamente neutra, mas assim, era evidente: os anos passados na Alemanha tinham-no devolvido a uma atmosfera hostil. Muitos anos depois, quando o vazio que agora tinha dentro dele fosse preenchido pelo ódio e viesse para oferecer sacrifícios sobre o túmulo do deus da pedra negra, no templo da colina, procuraria recordar as primaveras paradisíacas da infância, antes de a viagem e o torrão gelado e os tanques do exército terem dado cabo de tudo.

Na manhã em que o vale, com o tapete de reza a fazer de luva, lhe tinha dado um murro no nariz, ele procurara de forma absurda comportar-se como se nada tivesse acontecido. Levantou-se, a temperatura era de 2,5°, lavou-se de acordo com a fórmula prescrita, vestiu-se e cobriu-se com o gorro de astracã do pai; pegou no tapete de reza enrolado como um charuto e encaminhou-se para o jardim à beira do lago, em frente da velha casa de cor escura, e estendeu o tapete no torrão que esperava. Teve a falsa impressão de que a terra estava inesperadamente mole, o que o fez sentir-se

inseguro e inconsciente. «Em nome de Deus Clemente e Misericordioso» (este exórdio recitado de mãos unidas diante do peito, como um livro aberto, reconfortando uma parte de si mesmo mergulhou a outra parte numa grande incomodidade), «louvado seja Alá, Senhor da Criação...» (mas Heidelberg invadiu-lhe o espírito; ele era Ingrid, a sua Ingrid, que fazia caretas de desdém ao ouvi-la papaguear a sua lengalenga voltado para Meca; ele eram os amigos Oskar e Ilse Lubin, anarquista que, inimigos de toda e qualquer ideologia, escarneciam das suas rezas), «... Clemente Misericordioso, Rei do Juízo

Final...» (Heidelberg onde tinha aprendido, além da medicina e da política, que a Índia, tal como o rádio, tinha sido «descoberta» pelos europeus; Oskar era até um grande admirador de Vasco da Gama; e foi isto que o levou a separar-se dos amigos, o facto de o considerarem uma espécie de invenção dos antepassados deles), «só a Ti adoramos, só a Ti rezamos...» (e assim, tendo-os embora em mente, procurava encontrar o antigo eu, livre das influências deles mas sabedor de tudo o que era necessário saber, por exemplo sobre a submissão, ou sobre o que naquele momento fazia com as mãos, que, guiadas por velhas recordações, se agitavam, com os polegares nos ouvidos e os dedos afastados, ao mesmo tempo que se prostrava de joelhos em terra), «conduz-nos pela via justa, a via dos que escolheste...» (mas não resultava, sentia-se entre dois fogos, preso entre a crença e a descrença, tudo uma charada, afinal de contas), «... não pela via dos que incorreram na Tua ira, não pela via dos transviados». O meu avô prostrou-se e a terra, tapada pelo tapete de reza, ergueu-se contra ele. Foi o tal momento do torrão duro como a pedra que, reunindo as censuras de Ilse-Oskar e Ingrid-Heidelberg e do vale e de Deus, lhe esmurrou o nariz. Caíram três pingos de sangue. Apareceram os rubis e os diamantes. E o meu avô, pondo-se imediatamente de pé, tomou uma resolução. Levantou-se. Enrolou o tapete de reza. Olhou para o outro lado do lago. E ficou-se parado todo o sempre em terra neutra, incapaz de adorar um Deus cuja existência de modo algum podia negar. Uma mudança definitiva: um buraco.

O jovem e recém-formado doutor Aadam Aziz estava diante do lago primaveril, respirando a brisa da mudança; enquanto virava as costas (por sinal extremamente firmes) a outras mudanças. Durante a sua ausência no estrangeiro, o pai tinha sofrido um ataque e a mãe ocultara-lhe o facto. A voz da mãe, murmurando com estoicismo: «... *é que os teus estudos eram muito importantes, filho*». A mãe que tinha passado a vida inteira em casa, atrás do *purdah*, dera inesperadamente provas de extraordinária energia, mantendo em funcionamento o pequeno comércio de pedras preciosas (turquesas, rubis, diamantes) que tinha permitido a Aadam, com a ajuda da bolsa, entrar na Faculdade de Medicina; no regresso, a ordem familiar aparentemente imutável estava toda ao contrário: era a mãe que trabalhava, enquanto o pai ficava sentado atrás dos véus com que o ataque lhe velara o cérebro... sentado num cadeirão, no meio duma sala escura, imitava piros de aves. Eram trinta as espécies de aves que o visitavam e poisavam no peitoril da janela fechada, conversando com ele sobre as coisas mais díspares. Parecia um homem feliz.

(... E estou já a ver o começo das repetições; é que também a minha avó achava horrível... e o ataque não foi só um... e Macaca de Cobre tinha os seus pássaros... começa a maldição e ainda não chegámos aos narizes!)

As águas do lago tinham derretido completamente. O degelo fora rápido, como todos os anos muitos barcos pequenos, os *shikaras*, tinham sido apanhados desprevenidos, o que também era habitual. Mas enquanto os preguiçosos dormiam em terra, ressonando beatificamente ao lado dos donos, o mais velho de todos andava já numa roda-viva, como fazem geralmente os velhos, e foi o primeiro a fazer a travessia do lago descongelado. O *shikara* de Tai... como de costume.

Vejam como o velho barqueiro Tai desliza ligeiro sobre as águas envoltas em bruma, debruçado na

popa da embarcação! Como o seu remo, um coração de madeira de cabo amarelo, abre caminho entre as ervas altas! Na região consideram-no um velho estranho, porque rema de pé... além de outras razões. Tai, portador dum recado urgente para o Dr. Aziz, prepara-se para pôr a história em marcha. Enquanto Aadam, de olhos fitos na água, se recorda do que há muitos anos Tai lhe ensinou: «O gelo Aadam *baba*¹, continua sempre à espera debaixo da água.» Os olhos de Aadam têm o azul-claro do céu das montanhas que tem o costume de deixar cair algumas gotas de azul nas pupilas dos homens de Caxemira; não se esqueceram de olhar. Veem – além! parece o esqueleto dum fantasma, sob a superfície do lago Dal! – a rede fina, a confusão intrincada das linhas transparentes, as frias veias do futuro que o espera. Os anos passados na Alemanha, que a tantos outros teriam ofuscado o olhar, não lhe tiraram a ele o dom de ver. Um dom recebido de Tai. Levanta os olhos, nota na água o V aberto pela quilha do barco de Tai que se aproxima e saúda-o. O braço de Tai ergue-se... mas é para dar uma ordem: «Espera!» O meu avô espera e eu tenho de aproveitar este momento de tregua, enquanto ele vive os seus últimos instantes de paz, paz de mau agoiro, para o descrever.

Evitando no tom de voz a inveja natural que o homem feio sente pela beleza impressionante, recordo-me de que o Dr. Aziz era alto. Encostado à parede da casa, media vinte e cinco tijolos (um tijolo por cada ano de vida), ou seja, um pouco mais de seis pés e duas polegadas. Era forte. Tinha uma espessa barba ruiva, para grande irritação da mãe, segundo a qual só os Hajis, os que fizeram peregrinação a Meca, é que deviam deixar crescer barba ruiva. Tinha o cabelo bastante mais escuro do que a barba. São já conhecidos os olhos cor do céu. Ingrid afirmava: «Quando te pintaram a cara enganaram-se nas cores, deviam estar malucos.» Mas a feição fundamental da anatomia do meu avô não era a cor, nem o peso, nem a força dos braços, nem as costas direitas. Ei-lo, refletido na água, ondulando como um caule de aveia a tremular no meio do rosto... à espera de Tai, Aadam Aziz olhava para o próprio nariz. Mesmo num rosto menos dramático, seria um pormenor em evidência, mas, no dele, era a primeira coisa que se via e que ficava na lembrança. «Uma ciranose – dizia Ilsa Lubin e Oskar acrescentava: – Probocíssimo!» E Ingrid proclamava: «Pode-se atravessar um rio sobre esse nariz.» (E os arcos da ponte eram amplos.)

O nariz do meu avô: narinas largas, dúcteis como dançarinas. No meio erguia-se para cima e para fora o arco triunfal do nariz que, descendo, ia tocar no lábio inferior, numa curva soberba e vermelha. Um nariz que facilitava o choque contra um torrão gelado. Quero deixar aqui o meu reconhecimento a esse órgão famoso (se não fosse ele, quem acreditaria que eu era filho da minha mãe e neto do meu avô?), esse aparelho colossal que viria a ser também o meu registo do nascimento. O nariz do Dr. Aziz, que podia ser comparado à tromba de Ganesh, o deus com cabeça de elefante, conferia-lhe o indiscutível direito de ser patriarca. Assim lho tinha ensinado o velho Tai. Estava o jovem Aadam no fim da puberdade quando o velho barqueiro lhe disse: «Sobre um nariz desses pode construir-se uma família, meu pequeno príncipe. Poderá saber-se sem possibilidade de erro a que ninhada pertence a prole. Os imperadores mogóis teriam dado a mão direita em troca dum nariz como esse. Dentro dele esperam dinastias (e retomando a rudeza habitual, Tai acrescentava:) algum ranho.»

O nariz dava a Aadam Aziz um ar patriarcal. Na minha mãe tinha um ar nobre de suave e prolongado sofrimento; o da minha tia Emerald era pretensioso, intelectual o da minha tia Alia um órgão dum génio falhado o do meu tio Hanif; o do meu tio Mustapha só sabia sorver ranho; Macaco de Cobre escapou completamente à regra; no meu caso... no meu caso as coisas passaram-se de forma diferente. Mas não devo revelar todos os meus segredos neste momento.

(Tai vai-se aproximando. Ele, que revelou o poder do nariz e que traz agora ao meu avô uma mensagem que irá catapultá-lo para o futuro, faz deslizar o *shikara* sobre o lago matinal...)

Ninguém se lembrava de quando Tai era novo. Governava aquele mesmo barco, curvado da mesma maneira, nos lagos Dal e Nageen, desde tempos imemoriais. Tanto quanto se sabia. Vivia algures nas entranhas insalubres do velho bairro de casas de madeira, e a mulher cultivava raízes de lótus e outras hortaliças num dos muitos «jardins flutuantes» que na primavera e no verão se balouçavam mansamente à tona da água. O próprio Tai confessava alegremente não fazer ideia da idade que tinha. Nem a mulher sabia: quando se casaram (dizia ela) já ele tinha o couro assim curtido. O rosto dele era uma escultura como as que o vento faz na água quando enrugada pela ondulação. Tinha dois dentes de ouro e nenhum dos outros. Poucos amigos tinha na cidade. Eram raros os barqueiros ou comerciantes que o convidavam para compartilhar do *hookah* quando ele passava de barco junto aos ancoradouros dos *shikaras* ou perto das numerosas lojas ou casas de chá sobranceiras ao lago.

A opinião geral sobre Tai era a que o pai de Aadam Aziz, mercador de diamantes, formulara havia muitos anos, dizendo: «Perdeu o juízo ao perder os dentes.» (Mas era o velho Aziz quem estava agora sentado a conversar com os pássaros, ao passo que Tai lá continuava com simplicidade e grandeza.) O barqueiro fazia perdurar esta ideia com o seu linguajar fantástico, grandiloquente e interminável, dirigido as mais das vezes à sua própria pessoa. As águas ampliam o som e as populações do lago riam-se daqueles monólogos; mas a meia-voz, com algum receio, e até com pavor. Receio, porque o velho imbecil conhecia os lagos e as colinas melhor do que todo e qualquer detrator; pavor porque ele se dizia tão velho que desafiava o conto dos anos e a antiguidade pesava-lhe tão pouco no pescoço de frango que não o tinha impedido de conquistar uma mulher muito desejável e de lhe fazer quatro filhos... além de outros que (dizia-se) as mulheres da outra margem lhe tinham dado. Nos ancoradouros, os jovens mostravam-se convencidos de que ele tinha dinheiro escondido em qualquer lado... talvez um montão de preciosos dentes de ouro chocalhando com nozes dentro de um saco. Anos depois, quando o tio Puffs tentou vender-me a filha, propondo arrancar-lhe os dentes e substituí-los por outros de ouro, pensei no tesouro esquecido de Tai. O pequeno Aadam Aziz não podia deixar de gostar do velho.

Indiferente a estes rumores de riqueza, ganhava a vida a remar e, em troca de dinheiro, passava para o outro lado feno, cabras, hortaliças e lenha; além das pessoas. Nas épocas de trabalho construía no centro do *shikara* um pavilhão, coisa fina, com cortinados garridos e almofadas. O espetáculo do *shikara* de Tai, vogando no lago, de cortinas a esvoaçar ao vento, sempre fora para o Dr. Aziz uma imagem perfeita da chegada da primavera. Não tardariam a chegar os *sahibs* ingleses e Tai iria levá-los aos Jardins de Shalimar e à Primavera do Rei, sem nunca parar de falar, curvado e zombeteiro. Ele era a antítese viva da crença de Oskar-Ilse-Ingrid sobre a inevitabilidade da mudança... um espírito do vale, sarcástico, familiar e eterno. Um Caliban das águas, grande apreciador de aguardente barata de Caxemira.

Recordação da parede azul do meu quarto: onde, ao pé da carta do primeiro-ministro, pendia há longos anos o retrato de Raleigh, a olhar, extasiado, um velho pescador que envergava uma espécie de tanga vermelha e, sentado – sobre quê? um tronco de árvore? –, apontava para o mar, contando as suas histórias de pescarias... E o pequeno Aadam, meu futuro avô, apaixonou-se pelo barqueiro Tai exatamente por causa daquela tagarelice interminável que levava os outros a considerarem-no maluco. Era um discurso mágico, com a palavra a escorrer-lhe da boca, às catadupas, entre os dois dentes de ouro, à mistura com arrotos de aguardente, que subia até aos mais remotos Himalaias do passado, para logo a seguir descer com presteza a coisas mais comuns, o nariz de Aadam por exemplo, dissecando-o, como se de um rato se tratasse. Por causa desta amizade, Aadam sofreu mais de um escaldão. (Escaldão. Literalmente. Ao lavá-lo em água a ferver, a mãe dizia-lhe: «Vamos matar os piolhos desse barqueiro antes que eles te matem a ti.») Mas o velho falador, monologando

continuava a navegar no seu barco ao longo dos jardins que bordejavam o lago. E Aziz só arredava pé de junto dele quando as vozes lhe davam ordem de voltar a casa, para ouvir a lição sobre imundície de Tai e a advertência do perigo que representavam aquelas hordas de vermes vorazes que a mãe via saltar do corpo do velho que os hospedava para as calças brancas e engomadas do filho. Mas Aadam regressava sempre para a beira da água, perscrutando as brumas, à procura nas águas do vulto curvado, andrajoso e proibido que fazia deslizar o barco nas águas encantadas da manhã.

«Mas que idade tens tu, Taiji?» (O Dr. Aziz, adulto, já de barba ruiva, recorda o dia em que fez a pergunta proibida.) Um instante de silêncio mais ruidoso do que uma queda-d'água. O monólogo interrompido. O remo a chapinhar na água. Ia com Tai no *shikara*, de cócoras entre as cabras, sobre um monte de palha, plenamente consciente dos açoites e do banho a escaldar que o esperavam em casa. Viera para ouvir histórias e, com uma simples pergunta, reduzira o contador ao silêncio.

«Diz, Tai. Que idade tens? A sério...» Uma garrafa de aguardente que surge não se vê bem donde a aguardente barata, uma garrafa saída de entre as abas do gibão quente. Uma careta de contrariedade e um arrote, um olhar irritado. O reflexo do ouro. E, por fim, o discurso: «Idade? Queres saber que idade tenho, cabeça de vento, narigudo?» E, numa antecipação do pescador que eu tenho na parede do quarto, apontou para as montanhas: «Tão velho como elas, meu pimpolho!» Aadam, o pimpolho narigudo, seguiu com o olhar o dedo que apontava. «Vi as montanhas nascerem, os imperadores desaparecerem. Escuta. Escuta-me, garoto...» (outra vez a garrafa de aguardente, voz de aguardente e palavras mais alcoolizadas do que a bebida:), «... vi o Isa, vi o Cristo, quando ele passou por Caxemira. Ri-te, ri-te, vá! É toda a nossa história que eu tenho na cabeça. Em tempos ela foi escrita em velhos livros que se perderam. Em tempos, eu sabia de um túmulo com uns pés furados e esculpido na lousa que sangravam uma vez por ano; hoje em dia já me falha a memória; mas sei tudo, embora não saiba ler.» A instrução rejeitada orgulhosamente; a literatura varrida com um gesto de desdém. O mesmo gesto fácil que afasta as abas do gibão, pega na garrafa e a leva aos lábios gretados pelo frio. Tai sempre teve lábios de mulher. «Escuta, pimpolho. Eu vi muita coisa. Devias ter visto o tal Isa, quando ali apareceu, com uma barba que lhe descia até aos colhões e um coruto da cabeça calvo como um ovo. Era velho, não tinha forças, mas nunca vi ninguém tão delicado: “Primeiro tu, Taiji” e “Senta-te, por favor”. Falava comigo com todo o respeito, nunca me disse que eu era maluco. Nunca me tratou por tu. Tratou-me sempre por *aap*. Educado, que é que tu pensas? E o apetite dele? Se eu tivesse um apetite assim, tapava os ouvidos com o susto. Santo demónio, o que quer que ele fosse, a verdade é que era capaz de engolir um garoto de uma bocada. Sabes o que é que eu lhe dizia? “Come à farta, um homem quando vem a Caxemira é para gozar a vida ou para acabar de vez.” A missão dele estava cumprida. Tinha vindo cá para gozar.» Hipnotizado por este retrato alcoólico de Cristo, calvo e glutão, Aziz ouvia e mais tarde repetia tudo ante a consternação dos pais atarefados em volta das pedras preciosas e sem tempo a perder em tagarelices.

«Não acreditas em mim? (lambia os beiços doloridos, sorrindo, consciente do contrário). Estás a pensar noutra coisa? (sabia perfeitamente que Aziz lhe bebia as palavras). É a palha que te está a picar no cu? Desculpa, *babaji*, devia ter arranjado umas almofadinhas de seda e brocado de ouro e umas almofadas iguais às do imperador Jehangir. Deves julgar que o imperador Jehangir era um vulgar jardineiro, só porque edificou Shalimar, não é? Estúpido! Que é que tu sabes? O nome dele significava Aquele Que Mede a Terra. Será nome de jardineiro? Só Deus sabe o que eles hoje ensinam aos garotos. Eu... (aqui não aguenta o riso)... eu sei quanto ele pesava exactamente, até ao mais pequenito. *tola*. Podes perguntar-me quantos *maunds*, quantos *seers* ele pesava! Quando estava contente, era mais pesado e era em Caxemira que se sentia mais feliz. Eu costumava transportá-lo de liteira... Não

não, espera aí, tu não acreditas, esse pepino que tens no meio da cara está arrebitado como a coisa que tens entre as pernas. Anda, pergunta! Faz-me um exame, vá! Pergunta quantas voltas davam as correias de couro em volta das pernas da liteira. Eu respondo: trinta e uma voltas. Pergunta-me qual foi a última palavra do imperador... Fica sabendo que foi Caxemira. O hálito dele era mau e tinha um bom coração. Quem julgas tu que eu sou? Um cão vadio qualquer, ignorante e mentiroso? Trata de sair deste barco para fora, o teu nariz é pesado de mais, não consigo remar; o teu pai está à tua espera, para te arrancar do miolo tudo o que te ensinei e a tua mãe para te dar um escaldão.»

Na garrafa de aguardente do barqueiro Tai vejo eu profetizada a possessão do meu pai pelos *djinns*... irá aparecer um outro estrangeiro calvo... e o tagarelar de Tai profetiza outros que foram uma consolação na velhice da minha avó a quem ensinaram histórias... e os cães vadios não vêm longe. Basta. Estou a assustar-me a mim próprio.

Sem medo da tarefa e dos escaldões, Aadam Aziz continuou a acompanhar Tai no seu *shikara* entre cabras feno flores móveis raízes de lótus, mas não quando iam *sahibs* ingleses, e ouviu repetidas vezes respostas mirabolantes à pergunta singela e terrível: «Mas, ó Tai, a sério, que idade tens tu?»

Tai ensinou a Aadam os segredos do lago, os sítios onde se pode nadar sem se ser puxado para o fundo pelas ervas; as onze variedades de serpentes de água; o ponto onde se levanta a bruma; como se cozinhavam as raízes de lótus e os sítios onde há alguns anos se tinham afogado as três inglesas. «Foi uma tribo de estrangeiras que vieram cá de propósito para se atirarem à água – dizia Tai. – Às vezes sabem, outras vezes não sabem, mas eu compreendi tudo só pelo cheiro. Escondem-se debaixo de água, sabe Deus de quê ou de quem, mas de mim, filho, não conseguem elas esconder-se!» A gargalhada de Tai viria a contaminar Aadam – uma gargalhada enorme, com um som macabro quando, retumbante, saía daquele velho corpo seco; mas no gigante do meu avô era tão natural que, mais tarde, ninguém sabia a quem ela pertencia (o meu tio Hanif herdou a mesma gargalhada enquanto ele viveu, sobreviveu em Bombaim uma parte de Tai). Tai revelou também ao meu avô muita coisa sobre narizes.

Tai mexia na narina esquerda: «Sabes o que é isto, meu rapaz? É o sítio onde o mundo exterior se encontra com o mundo interior. É aqui que se sente tudo quando eles não se entendem. Nessas alturas esfrega-se o nariz para afastar a comichão. Um nariz como o teu é um dom inestimável, meu parvo. Sou eu que to digo: acredita nele. Quando ele te avisar, abre os olhos, se não queres acabar contigo. Segue o teu nariz e irás longe.» Limpou o pigarro da garganta e fugiram-lhe os olhos para as montanhas do passado. Aziz recostou-se melhor no feno. «Uma vez conheci um oficial... do exército de Iskandar, o Grande. Nunca soube o nome dele. Tinha um pepino como o teu assim pendurado entre os olhos. Quando o exército parou nas redondezas de Gandhara, apaixonou-se por uma puta local da terra. Sentiu logo no nariz uma comichão de meter medo. Coçou, mas não lhe serviu de nada. Fez inalações com folhas de eucalipto esmagadas. Nada! A comichão punha-o maluco, mas o imbecil não percebeu nada e deixou-se ficar com a puta enquanto o exército seguia em frente. Transformou-se, queres saber em quê? Num palerma qualquer, numa nulidade, amancebado com uma desmiolada com o nariz sempre a arder e, ao fim de tudo, espetou a espada no estômago. Que te parece?»

... Em 1915, o Dr. Aziz, cujos rubis e diamantes valiam tanto como nada, está a recordar esta história quando Tai se aproxima. Sente uma comichão no nariz. Coça-se, encolhe os ombros, levanta a cabeça, num gesto de desdém; Tai grita-lhe: «Olha, Dr. *sahib*! A filha do latifundiário Ghani está doente!»

O recado, dito secamente, gritado sem cerimónia à superfície do lago, como se o barqueiro e o aluno não tivessem estado dez anos sem se verem, declamado por uns lábios de mulher

desacostumados de sorrir há-que-tempos, o recado faz o tempo girar a toda a velocidade, numa agitação frenética, numa excitação imparável.

... «Imagina tu, meu filho – dizia a mãe de Aadam bebericando sumo de limão fresco, recostada na espaldar da cadeira, numa atitude de cansaço resignado –, imagina o que é a vida. Durante estes anos todos, até os meus tornozelos se mantiveram secretos; e agora vejo-me obrigada a mostrar o rosto estranhos que nem sequer são da família.»

... Ghani, o latifundiário, está de pé sob um quadro a óleo que representa a Diana caçadora, com moldura de ouro. Tem uns óculos pretos de lentes grossas, o seu famoso sorriso envenenado e fala sobre arte: «Comprei-o a um inglês arruinado, doutor *sahib*. Apenas por quinhentas rupias, não perdesse tempo a regatear. O que são quinhentas rupias? Tenho a paixão da cultura, como vês.»

... «Meu filho – diz a mãe de Aadam, quando ele começa a observá-la –, há alguma coisa que um pai não faça pelo filho? Vê bem o que eu sofro. És médico... Olha estas borbulhas, estas manchas vermelhas, dói-me a cabeça de manhã, ao meio-dia e à noite. Enche-me o copo, meu filho.»

... Mas, ao ouvir o grito do barqueiro, o jovem médico sentiu a menos hipocrática das emoções e respondeu: «Venho já! Vou buscar os apetrechos!» A proa do *shikara* toca no jardim. Aadam corre para casa, com o tapete de reza debaixo do braço, e pisca os olhos azuis na penumbra do interior; colocou o tapete enrolado numa prateleira alta, sobre uma pilha de *Vorwärts*, do *Que Fazer?* de Lenine e de vários outros panfletos, ecos remotos da sua vida na Alemanha já meio esquecida; do lado de cima da cama tira uma pasta de couro em segunda mão a que a mãe chama «mala dos remédios» e ao mesmo tempo que a projeta para fora de casa, vindo ele próprio atrás dela, pode rapidamente ver gravada se a palavra HEIDELBERG gravada no couro da pasta, ao fundo. A filha dum proprietário rural, mesmo doente, é uma boa nova para um médico que pretende fazer carreira. Ou melhor: sobretudo doente.

Sentado aqui neste buraco mal iluminado, vazio como um frasco de conserva, tenho diante dos olhos a visão do meu avô, há sessenta e três anos, visão digna de ser conservada; sinto as narinas cheias do fedor reinante na loja da mãe, que sofre por isso de abscessos, e a sua firme determinação de vencer na vida para que a mãe não tenha de voltar para a loja das pedras preciosas; cheira a mofo na casa às escuras onde o médico, pouco à vontade, se queda a olhar para o quadro que representa uma jovem de olhar vivo e, atrás desta, fixo no horizonte, um veado, trespassado por uma seta com a qual que o arco da jovem o alvejou. A maior parte das coisas de importância vital para nós passou-se na nossa ausência: mas estou em crer que descobri algures o estratagema de saber tudo, de tudo recordar, até ao mínimo pormenor, como quando a neblina parece derramar-se no ar fresco de manhã... tudo, sim, não somente as indicações que permitem avançar, por exemplo a abertura dum mala velha coberta de teias de aranha e fechada a sete chaves.

... Aadam enche o copo da mãe e continua a auscultá-la, inquieto. «Põe um pouco de pomada nessas borbulhas e nessas manchas. Para as dores de cabeça há uns comprimidos. Os abscessos têm de ser lancetados. O que podias era usar o *purdah* quando estás na loja... por causa de olhares menos respeitosos... estas dores começam muitas vezes pelo espírito...»

... O chapinhar do remo na água. O plof dum escarro no lago. Tai pigarreia e resmungando descontente: «Um rico negócio. Sai daqui um garoto palerma e ignorante, volta feito doutor *sahib* com uma bolsa cheia de ferramentas estrangeiras, mas estúpido como uma porta. Juro por tudo: que negócio tão mau.»

... O Dr. Aziz, pouco à vontade, apoia-se ora num pé ora noutro, esmagado pelo sorriso do latifundiário, em cuja presença é impossível alguém sentir-se à vontade; espera por um gesto, uma reação à sua presença pouco habitual. Acostumou-se a assistir às reações involuntárias dos outros perante a sua estatura, o seu rosto corado, o nariz... Mas Ghani fica impassível e o jovem médico, po

seu lado, acha melhor não deixar transparecer o seu constrangimento. Para de mexer os pés. Frente frente, deixam (assim dão a impressão) de se ver um ao outro e assim estabelecem as bases das relações que vão ter no futuro. E Ghani muda, o amator de arte passou a ser um duro. «Meu rapaz estás cheio de sorte», diz. Os olhos de Aziz perdem-se na Diana caçadora. São visíveis grandes superfícies da sua pele branca e rósea.

... A mãe de Aziz geme e abana a cabeça: «Que é que tu sabes, meu filho? És médico, és um senhor, mas o comércio das pedras preciosas é complicado. Quem é que ia comprar uma turquesa a uma mulher de rosto escondido atrás dum pano preto? É uma questão de confiança. Tenho de se ver a vista; não posso deixar de sofrer, de ter abcessos. Deixa lá, não te aflijas com a tua pobre mãe.»

... «Um senhor – exclama Tai, cuspiendo no lago –, um figurão de mala e chapéu! Chiça! Não tínhamos cá sacos que chegassem, era preciso tu trazeres essa coisa de pele de porco que tornou impuro quem quer que olhe para ela? E só Deus sabe o que tens aí dentro.» O Dr. Aziz, sentado no meio das cortinas floridas, entre os perfumes do incenso, liberta-se dos seus pensamentos, centrado na doente que o espera na outra margem do lago. O monólogo amargo de Tai penetra na sua consciência, choca-o com uma violência comparável ao cheiro duma sala de operações, muito mais forte do que o do incenso... o velho está nitidamente irritado com qualquer coisa, possuído por uma fúria incompreensível que parece voltar-se contra o seu antigo acólito ou, mais precisamente, estranhamente, contra a sua pasta. O Dr. Aziz procura dizer qualquer coisa: «A tua mulher está bem? Ainda falam por cá do teu saco cheio de dentes de ouro?...» Faz tudo para reatar uma velha amizade mas Tai está lançado e vomita injúria atrás de injúria: «Saco da cona da irmã, pedaço de couro de porco estrangeiro, cheio de porcarias estrangeiras. O saco dum figurão. Um homem parte um braço desse saco não vai deixar que ele seja tratado com plantas. Um homem vai ter de deixar a mulher deitada ao lado desse saco e ficar a olhar para as facas que lhe retalham o ventre. Ricas ideias as que os estrangeiros metem nas cabeças da mocidade. Uma boa porcaria, não há dúvida. Há de assar no Inferno o saco mais os colhões dos infiéis.»

... Ghani, o latifundiário, segura os suspensórios com os polegares e fá-los estalar: «Estás cheio de sorte. Na cidade dizem-se as melhores coisas a teu respeito. Um bom curso de medicina. Família boas... bastante boas. E agora que a tua mãe está doente a oportunidade não pode ser melhor. Tenha estado sempre doente, nos últimos tempos, a pobre senhora, deve ser da idade avançada. Por mim, sou digo: médico, cura-te a ti mesmo. E digo-te mais: sou uma pessoa muito objetiva nos meus negócios. Os sentimentos, o amor, guardo isso para a família. Se um serviço que me prestam não for de primeira classe, rua! Estás a perceber? Bom, aí tens: a minha filha Naseem tem passado mal. Trata-a o melhor possível. Recorda-te de que eu tenho amigos poderosos. Para o que der e vier.»

... «Taiji, continuas a utilizar serpentes de água demolidas em aguardente para manteres a virilidade? Continuas a comer raízes de lótus sem tempero?» Perguntas pouco convictas opostas a uma torrente da fúria de Tai. O Dr. Aziz começa a estudar o diagnóstico: para o barqueiro, a pasta representa o estrangeiro; é uma coisa vinda de fora, intromissão, progresso. E a verdade é que ele apoderou-se do espírito do jovem médico; contém realmente facas, medicamentos contra a cólera, a malária, a varíola; e está de facto colocada entre o médico e o barqueiro, tornando-os antagonistas. O Dr. Aziz entra em luta contra a tristeza e contra a fúria de Tai que começa a contaminá-lo, a ser delatado também, ele que só raramente entra em irrupção mas que, quando isso acontece, explode sempre para anunciar, com um ronco que lhe vem das profundas, devastando tudo em redor. Mas logo a seguir desvanece-se e deixa-o admirado com o transtorno que causou. Aproximam-se da casa de Ghani. Espera-os um criado, de mãos juntas, no pequeno ancoradouro de madeira. Aziz concentra a atenção no trabalho que tem entre mãos.

... «O seu médico habitual está de acordo com a minha visita, Ghani *sahib*?» Mais uma pergunta hesitante logo varrida pelo dono da casa: «Ah, ele vai concordar. Queira seguir-me, por favor.»

O criado espera no ancoradouro. Segura o *shikara* enquanto Aziz desce, com a pasta na mão. Tai pergunta desdenhosamente: «Diz-me uma coisa, doutor *sahib*, aí dentro dessa bolsa de pele de porco morto tens algum daqueles aparelhos com que os médicos estrangeiros costumam cheirar?» Aadar abana a cabeça, sem compreender. A voz de Tai torna a exprimir repugnância: «O senhor doutor sabe o que é, parece uma tromba de elefante.» Aziz, percebendo o que ele quer dizer, responde: «Um estetoscópio? Claro que tenho.» Tai afasta o *shikara* do ancoradouro. Cospe. Remando, começa a afastar-se. «Já sabia – comenta. – Vais servir-te dessa máquina, em vez de usares esse narigão.»

O meu avô não se dá ao trabalho de lhe explicar que um estetoscópio é mais parecido com um par de ouvidos do que com um nariz. Tenta acalmar a irritação, o ressentimento da criança rejeitada além do mais, tem uma doente à espera. O tempo fica parado, concentrado na importância dum tal momento.

A casa era opulenta, mas mal iluminada. Ghani era viúvo e os criados, evidentemente, abusavam. Havia teias de aranha nos cantos e montes de pó por todo o lado. Desceram um corredor comprido e uma das portas estava entreaberta e Aziz viu de relance um quarto muito desarrumado. Bastou ver isso e uma cintilação nos óculos pretos de Ghani para perceber que o latifundiário era cego. Cresceu nele a sensação de mal-estar: um cego a dar mostras de apreciar a pintura europeia? Impressionou-o por outro lado, o facto de Ghani não ter esbarrado em qualquer objeto. Pararam diante duma espessa porta de teca e Ghani disse: «Espera dois segundos» e entrou no quarto que havia em frente da referida porta.

Mais tarde, o Dr. Aziz jurou que, durante aqueles momentos de solidão no meio dos negros corredores do latifundiário, forrados de teias de aranha, teve um desejo quase indomável de recuar e de fugir dali tão rapidamente quanto as pernas lho consentissem. Perturbado pelo enigma do cego amante de arte, com as entranhas cheias de milhentos insetos em movimento, resultado da insidiosa peçonha destilada pelas palavras de Tai, com uma tal comichão nas narinas que se convenceu de ter contraído uma doença venérea, teve a impressão de que os pés, metidos numas botas de chumbo começavam a rodopiar; latejava-lhe o sangue nas têmporas; foi tão forte a sensação de ter chegado a um ponto de que não podia recuar que esteve prestes a molhar as calças de lã alemãs. Começou inconscientemente, a corar; e, nesse momento, apareceu-lhe a mãe, sentada no chão diante dum mesinha baixa, com uma mancha vermelha a atravessar-lhe todo o rosto, examinando uma turquesa de transparência. O rosto da mãe tinha uma expressão de desdém igual à do barqueiro Tai. «Anda, vai», dizia-lhe ela com a voz de Tai –, não te preocupes com a tua velha mãe.» O Dr. Aziz deu consigo a murmurar: «O teu filho é um inútil, mamã; não vês que no meio de mim há um buraco do tamanho dum melão?» A mãe sorriu com esforço e suspirou: «Sempre foste um garoto sem coração», posto o que se transformou num lagarto que, descendo pela parede do corredor, estendeu a cabeça para lho morder. A vertigem do Dr. Aziz terminou sem ele perceber se realmente tinha falado em voz alta e perguntou a si próprio que significado era o daquela história do buraco; descobriu depois que os pés já não queriam fugir e percebeu que estava a ser observado. Quem para ele olhava era uma mulher com músculos de lutadora que lhe fez sinal para que o seguisse até ao quarto. A julgar pelo sari devia ser criada, mas nada tinha de servil. «Estás verde como um peixe – disse ela. – Estes médicos novos! Entram numa casa estranha e ficam logo com os fígados em geleia! Vem, doutor *sahib*, estás à tua espera.» Apertou com força a pasta e, atrás dela, passou a porta escura de teca.

... Penetrou num quarto de dormir espaçoso e tão mal iluminado como o resto da casa; mas havia no cimo da parede uma fresta que filtrava alguns raios de sol sobre os quais dançava o pó. Esta luz poeirenta iluminava uma das cenas mais extraordinárias que o Dr. Aziz algum dia pudera presenciar: um quadro tão estranho que os pés começaram novamente a querer fugir dali para fora. Duas outras mulheres, com todo o aspeto de lutadoras profissionais, perfilavam-se na penumbra, segurando cada uma delas a ponta dum imenso lençol, ambas de braços levantados acima da cabeça, para que o lençol funcionasse como uma cortina. O senhor Ghani emergiu da treva que rodeava o lençol iluminado e deixou que o desnordeado Adam olhasse estupidamente aquele quadro singular durante cerca de meio minuto, findo o qual, e antes de qualquer troca de palavras, o Dr. Aziz fez uma descoberta:

No centro do lençol tinha sido feito um buraco mais ou menos circular com umas sete polegadas de diâmetro.

«Fecha a porta – ordenou Ghani à primeira das lutadoras, voltando-se logo a seguir para Aziz em voz confidencial: – Há nesta cidade muitos valdevinos que tentaram penetrar no quarto da minha filha. Ela precisa de ser protegida.» E apontou, com um aceno de cabeça, para as três mulheres musculadas.

Aziz continuava a olhar para o lençol furado e Ghani disse-lhe: «Vá, podes ir examinar a minha filha, Naseem. Pronto!»

O meu avô olhou a toda a volta do quarto: «Onde é que ela está, Ghani *sahib*?» – conseguiu perguntar. As lutadoras mantiveram um ar altivo e, pareceu-lhe a ele, retesaram os músculos, como se quisessem dizer-lhe que não tentasse qualquer loucura.

«Compreendo o teu embaraço – disse Ghani, mostrando os dentes todos num sorriso envenenado. Os senhores, quando regressam da Europa, vêm esquecidos de muita coisa. Não é preciso dizer ao doutor *sahib*, que a minha filha é honesta. Não é das que expõem o corpo na presença de estranhos. Compreenderás que não te será consentido vê-la, seja em que circunstâncias for; por isso pedi que se ocultasse atrás desse lençol e ela, como jovem honesta, assim fez.»

Foi numa voz frenética que o Dr. Aziz perguntou: «Mas então, Ghani *sahib*, como é que eu posso auscultá-la sem a ver?»

Ghani continuava a sorrir: «Terás a amabilidade de me dizer qual a parte do corpo da minha filha que desejas auscultar. Eu mando-lhe apresentar a parte requerida diante deste buraco. E tudo se há de conseguir.»

«E, afinal, a senhora queixa-se de quê?» – perguntou o meu avô desesperado. Ao que o senhor Ghani, de olhos em alvo, com um sorriso que se transformou em esgar de dor, respondeu: «Coitadinha. Tem uma terrível, uma lancinante dor de estômago.»

«Nesse caso – pediu o Dr. Aziz discretamente –, que ela faça o obséquio de me mostrar o estômago.»

¹ Ver no fim do volume o glossário de vocábulos estrangeiros.

MERCUROCROMO

A nossa Padma, a rabugenta e gorda Padma é um portento. (Não sabe ler e, como todos os apreciadores de peixe, detesta que os outros saibam coisas que ela não sabe. Padma: forte, jovial, consolo dos meus últimos dias. Mas pior do que o perro do hortelão.)

Com mimos, tenta arrancar-me da minha mesa de trabalho: «Vamos lá comer, não se pode deixar estragar a comida.» Eu continuo enfronhado na folha de papel. «São assim tão importantes a pergunta Padma, furiosa, flagelando o ar com a mão direita – essas porcarias que estás a escrever? Respondo-lhe: uma vez registados todos os pormenores sobre o meu nascimento, uma vez que o lençol furado separa o médico da doente, já não posso recuar. Padma resfolega. Dá uma palmada na minha testa: «Deixa-te morrer à fome. Que ganho eu em me ralar? Nem duas *pice!*» E resfolega ainda mais. Como para arrumar o assunto... Eu é que não posso fazer mais do que faço. Anda numa roda-viva de um dia inteiro; acordou com o fogo no rabo. Rechonchuda, com os antebraços peludos, entra de roldão e gesticula, sai. Pobre Padma. Tudo a enfurece, tudo a atormenta. Até o nome: e nisso tem alguma razão, porque a mãe, quando ela era pequena, disse-lhe que lhe tinham posto o nome da deusa Lótus, cujo apelido habitual, entre os habitantes da aldeia, é «a senhora da bosta».

Volta o silêncio e eu regresso aos meus papéis impregnados do cheiro da curcuma, firmemente decidido a terminar a história que ontem deixei em suspenso... tal como Xerazade, cuja sobrevivência dependia apenas da curiosidade insatisfeita em que todas as noites deixava o príncipe Shahryar. Começarei por dizer que os pressentimentos do meu avô, no corredor, tinham algum fundamento. Nos meses e anos posteriores, viria a cair sob o poder daquilo a que posso chamar feitizo daquele imenso (e ainda imaculado) lençol com um buraco no meio.

«Outra vez? – comentou a mãe de Aadam, arregalando os olhos. – A doença dessa menina, meu filho, deve ser a boa vida que tem levado. Iguarias de toda a espécie, muitos mimos, a falta da mãe forte materna. Mas está bem, vai lá tratar dessa doente invisível, as dores de cabeça da tua mãe não têm importância nenhuma!»

Importa saber que, nesse tempo, Naseem Ghani, a filha do latifundiário, contraiu um número extraordinário de moléstias sem importância; de todas as vezes era enviado um barqueiro chamar o doutor *sahib*, jovem e alto, de nariz comprido, que no vale começava a gozar da melhor fama. As visitas de Aadam Aziz ao quarto do raio de sol e das três mulheres musculosas tornaram-se acontecimentos a bem dizer semanais; era-lhe agora concedido, em todas essas ocasiões, espreitar pelo buraco, um novo círculo do corpo da moça, com sete polegadas de diâmetro. À primitiva doença de estômago, sucederam-se um ligeiro ferimento no tornozelo direito, e depois uma unha magoad no dedo grande do pé e um pequeno arranhão ao fundo da barriga da perna esquerda. («O tétano não perdoa, doutor *sahib* – dizia o latifundiário –, não quero que a minha Naseem morra por causa de um

arranhão.») Sobreveio uma rigidez do joelho direito que o médico teve de apalpar pelo buraco do lençol... Passado algum tempo, a moléstia saltou mais para cima, evitando certas zonas de que não permitido falar, e proliferou na metade superior do corpo. Teve uma doença misteriosa a que o pai chamava decomposição dos dedos e que escamava a pele das mãos; uma fraqueza nas articulações dos pulsos para as quais o Dr. Aziz receitou comprimidos de cálcio; prisão de ventre para a qual deu um laxante, já que não podia sequer pensar em administrar-lhe um clister. Teve febres, assim como temperaturas anormalmente baixas. Punha então o termómetro no sovaco, enquanto ele, falando de outros assuntos, deixava adivinhar alguma descrença na ineficácia de tal método. No sovaco oposto teve ela uma eczema sem importância que ele curou com um pó amarelo; depois desse tratamento (que o obrigou, para o pó penetrar melhor, a fazer massagens suaves mas firmes, com as quais o corpo doce e secreto da paciente começou a estremecer, e ouviu-se uma risada atrás do lençol porque Naseem era muito sensível às cócegas), depois deste tratamento a dor desapareceu, mas Naseem descobriu outros pretextos para se queixar. Teve uma anemia no verão e um bronquite no inverno. («Tem os brônquios muito frágeis – explicou Ghani –, como uns pifarinhos.») Lá longe, com a Grande Guerra, as crises sucediam-se às crises e na casa de teias de aranha o Dr. Aziz estava empenhado também numa guerra total contra os infundáveis queixumes da sua doente fragmentária. E durante os vários anos que a guerra durou, nunca Naseem teve duas vezes a mesma doença. «Isto mostra uma coisa – disse Ghani. – Mostra que és um bom médico. Uma vez tratada, sarra imediatamente. Mas, por desgraça (e batia na testa), o desgosto pelo desaparecimento da mãe trazte-lhe sempre novos padecimentos, coitadita. É uma pequena amorosa!»

Aos poucos, o Dr. Aziz conseguiu montar no espírito um retrato de Naseem, uma colagem bastante malfeita das diferentes partes que havia auscultado. Um fantasma de mulher despedaçada assombrava-lhe a vida e não somente em sonhos. Colada por ele em imaginação, ela acompanhava-o por todo o lado, era o seu principal pensamento e, a dormir ou acordado, sentia nas pontas dos dedos a suavidade daquela pele sensível às cócegas ou a perfeição dos punhos delicados ou a beleza dos tornozelos; aspirava o seu perfume de alfazema; ouvia-lhe a voz, a risada abafada de donzela; mas faltava-lhe a cabeça, porque nunca lhe tinha visto o rosto.

A mãe deitava-se na cama, de barriga para baixo, como águia no ninho: «Anda, faz-me uma massagem – dizia –, faz, meu filho, meu médico. Só os teus dedos poderão fazer relaxar os músculos da tua velha mãe. Massaja-me, minha carinha de ganso obstipado.» Ele massajou-lhe os ombros. Ela gemia, contraía-se, distendia-se: «Mais abaixo agora, mais abaixo – disse. – À direita. Assim. Meu filho tão esperto que nem percebe o que pretende o latifundiário Ghani. O meu filho é inteligente mas não adivinha o que leva essa rapariga a adoecer por tudo e por nada. Escuta aqui, meu filho: olha para esse nariz que tens no meio da cara: Ghani acha que és uma boa presa para a filha. Educado não estrangeiro e tudo. Tive de trabalhar na loja, fui despida por olhos de estranhos para tu poderes desposar Naseem! É claro que tenho razão; de outro modo, porque haviam eles de olhar duas vezes para a nossa família?» Aziz continuou a massajar a mãe: «Meu Deus! Acaba com isso! Não me mates só porque te disse a verdade!»

Em 1918 Adam Aziz chegou ao ponto de não viver para outra coisa a não ser a travessia regular do lago. E a sua excitação aumentou: era evidente que, ao cabo de três anos, o latifundiário e a filha iam derrubar determinadas barreiras. Até que um dia Ghani lhe disse: «Seio direito inchado. Será grave, doutor? Observa-a. Observa com atenção.» E lá estava, perfeitíssimo, lírico e adorável emoldurado pelo buraco, um... «Tenho de lhe tocar», disse Aziz, procurando dominar o tom de voz. Ghani deu-lhe uma palmada nas costas: «Mas toca, toca lá! – exclamou. – A mão do médico!»

O contacto da saúde, doutor!» E Aziz levantou a mão: «Peço desculpa, mas não estará a senhora n

seu período mensal...?» Nos rostos das lutadoras desenhou-se um sorrisinho. Ghani condescende afavelmente: «Meu caro, fica à vontade. És doravante o médico da família.» E logo Aziz: «Mas então não há razão para sustos. O inchaço vai desaparecer no fim do período...» E na vez seguinte: «Um músculo tenso atrás da coxa, doutor *sahib*. E dói tanto!» E eis que, no buraco, aparece o traseiro que o olhar de Adam Aziz esperava. «Ser-me-á permitido...», comentou Aziz. Uma palavra de Ghani; uma resposta obediente atrás do lençol; um cinto que se desaperta; um pijama a cair do alto das nádegas que enchem maravilhosamente o buraco do lençol. Adam Aziz faz por pensar apenas em termos médicos... estende a mão... toca. E, estupefacto, jura a si próprio ter visto as nádegas corarem tímida mas cúmplicemente.

Nessa noite Adam Aziz pensou demoradamente naquele rubor. Teria a magia do lençol operado de ambos os lados do buraco? Excitadíssimo, imaginou a sua Naseem sem cabeça, vibrando por ação do seu olhar, do seu termómetro, do seu estetoscópio, dos seus dedos, procurando também ele reconstituir no espírito uma imagem dele. A posição dela não era mais vantajosa, só lhe tinha visto as mãos... Adam continuou, com um desespero ilícito, à espera de que Naseem tivesse enxaqueca ou um arranhão no queixo nunca visto, para assim poderem ver-se face a face. Ele sabia que estes pensamentos eram pouco profissionais; mas nada fez para os afastar. Não havia muito a fazer contra eles, tinham vida própria. Ou seja, o meu avô tinha-se apaixonado e chegado ao ponto de pensar no lençol furado como em qualquer coisa sagrada e mágica, uma vez que através dele pudera ver as coisas que lhe preenchiam o buraco formado na sua própria pessoa quando o torrão gelado lhe esmurrou o nariz e o barqueiro Tai o insultou.

No dia em que a Grande Guerra acabou, Naseem teve a dor de cabeça há tanto tempo esperada. Uma tal coincidência histórica adubou, para não dizer que esterçou, a existência da minha família.

Mal se atrevia a olhar o que o buraco do lençol emoldurava. Ela podia ser feia, toda aquela encenação justificava o seu receio... Olhou. E o que viu foi um rosto que não tinha nada de repulsivo: um escrínio digno das duas pedras preciosas que eram os olhos brilhantes, castanhos e com reflexos dourados, uns olhos de tigre. Deu-se por vencido o Dr. Aziz. E Naseem exclamou: «Mas que nariz senhor doutor!» Ghani ficou furioso: «Filha, é assim que se...» Mas a doente e o médico riam já bom rir e Aziz ia replicando: «Sim, é um espécime raro. Disseram-me que há dentro dele dinastias espera...» E mordeu a língua antes de acrescentar: «... e algum ranho.»

E Ghani, que durante três longos anos se mantivera ao lado do lençol, de olhos fechados, sorrindo e sorrindo, retomou o sorriso secreto que se refletiu nos lábios das lutadoras.

Enquanto isto, o barqueiro Tai tinha tomado a decisão inexplicável de nunca mais se lavar. Nunca vale irrigado por lagos de água fresca, onde até os pobres se podem gabar (e se gabam) da limpeza. Tai optou por cheirar mal. Havia três anos que não tomava banho e não se lavava, o que nele correspondia aos apelos da natureza. Vestia todo o ano as mesmas roupas sujas; no inverno fazia uma concessão, a de vestir o gibão sobre as calças putrefactas. O fogareiro com brasas que colocava sob o gibão, como é costume em Caxemira, para se aquecer nos dias mais frios, despertava e acentuava ainda mais o cheiro fétido que ele libertava. Ao passar diante da casa de Aziz tinha o costume de afrouxar o andamento do barco, para que as horríveis emanações do seu corpo tivessem tempo de impregnar o jardimzito e a casa. As flores morreram e os pássaros voaram do peitoril da janela do velho Aziz. Tai, como é natural, perdeu trabalho, os ingleses, em especial, tinham repugnância em ser transportados por aquele monte de esterco em forma de homem. Nas vizinhanças do lago começou a correr uma história: a mulher de Tai, irritada com a imundície do marido, deu-lhe

um raspanete e ele tinha respondido o seguinte: «Pergunta ao doutor vindo do estrangeiro, a ess fedelho, ao Aziz alemão.» Seria uma tentativa de ofender as narinas sensíveis do médico (nas quais persistia a comichão anunciadora de perigo, mesmo depois da administração dos anestésicos de amor)? Ou era um gesto conservador de desafio face à invasão da pasta dos remédios trazida de Heidelberg? Uma vez Aziz perguntou ao velho, sem quaisquer rodeios, o que é que ele pretendia, mas Tai limitou-se a dar-lhe um sopro e a afastar-se. O sopro quase derrubou o pobre Aziz; era cortante como o gume dum machado.

Em 1918, o pai do Dr. Aziz, privado dos pássaros, morreu enquanto dormia; e, subitamente, a mãe que tinha logrado vender a loja de pedras preciosas, graças ao êxito profissional de Aziz, e que considerou a morte do marido um alívio bem-vindo no termo duma vida de responsabilidades, estendeu-se no seu próprio leito de morte e seguiu o marido antes de ter chegado ao fim o luta regulamentar de quarenta dias. Quando os regimentos indianos voltaram da guerra, o Dr. Aziz era órfão e livre... mas tinha-lhe caído o coração num buraco com sete polegadas de diâmetro.

Efeitos desoladores do comportamento de Tai: arruinou completamente as boas relações entre Dr. Aziz e a população do lago. Ele que em pequeno tagarelava livremente com as mulheres dos pescadores e as floristas, começou a ser olhado de soslaio. «Pergunta ao fedelho, ao Aziz alemão. Tai denunciara-o como estrangeiro, isto é, alguém em quem não se pode ter muita confiança. Não gostavam do barqueiro, mas pensavam que a transformação, da evidente responsabilidade do médico, era mais perturbadora do que tudo o mais. Aziz deu conta de que os pobres suspeitavam dele e até o evitavam. Sentiu-se gravemente ofendido. E compreendeu qual era a intenção de Tai: o velho pretendia expulsá-lo do vale.

Também a história do lençol se espalhou. As lutadoras eram, evidentemente, menos discretas do que pareciam. Aziz notou que as pessoas o apontavam a dedo. As mulheres, tapando a cara com as mãos, escangalhavam-se a rir...

«Decidi aceitar a vitória de Tai», disse ele. As três lutadoras, duas das quais seguravam o lençol enquanto a terceira guardava a porta, arrebitaram as orelhas tapadas com algodão. («Já pedi ao meu pai que tratasse disso – respondera Naseem. – Dentro em breve, esses maldizentes vão acabar com todos os ditos e mexericos.») Emoldurados pelo buraco do lençol, os olhos de Naseem dilataram-se mais do que nunca.

... Exatamente como os dele quando passados alguns dias, caminhando pelas ruas da cidade, viu chegar o último autocarro do inverno, todo cheio de inscrições (à frente SE DEUS QUISER, verde sublinhado a vermelho; atrás, a azul e amarelo, OBRIGADO, MEU DEUS! e ADEUSINHO num castanho agressivo) e reconheceu, a apelar-se do autocarro, Ilse Lubin, mais olheirenta e marcada pelas rugas.

Nesse tempo já o latifundiário o deixava sozinho, guardado apenas pelas três lutadoras de ouvido tapados: «... Para poderem conversar; a relação médico-doente tem de ser aprofundada com um maior intimidade. Tenho consciência disso, Aziz *sahib*, desculpa as minhas intromissões anteriores.

Cada vez Naseem soltava mais a língua: «Que é isso? És um homem ou és um rato? Abalar daquilo por causa de um barqueiro fedorento?» ...

«O Oskar morreu – contou-lhe Ilse, bebendo limonada fresca em casa da mãe de Aziz. – Morreu como um ator. Discursou aos soldados, disse-lhes que não se deixassem tratar como peões. Julgava um louco que os soldados iam depor as armas e desertar. Nós víamos tudo da janela e eu só rezava para que não lhe saltassem em cima. O regimento tinha então aprendido a marchar a passo, não o reconhecerias. Ao chegar à esquina, tropeçou no atacador do sapato e caiu. Foi esmagado por um veículo do estado-maior e morreu. O pobre andava sempre com os atacadores desapertados... Formaram-se-lhe nos olhos alguns diamantes: «Era daqueles que desonram o nome de anarquista.»

«Muito bem – concedeu Naseem –, é uma oportunidade de conseguires um bom emprego. A Universidade de Agra tem fama, não julgues que não sei. Professor de Medicina na faculdade? So bem. Se me disseres que é por isso que te vais embora, é outra cantiga!» Cerram-se os olhos no buraco: «É evidente que vou sentir muito a tua falta...»

«Estou apaixonado – disse Aadam Aziz a Ilse Lubin; e mais tarde:

– Tenho-a visto só através do buraco dum lençol, um pedaço de cada vez, juro-te que vi o traseiro dela a corar.»

«Devem ter espalhado qualquer coisa no ar», replicou Ilse.

«Naseem, consegui o emprego – disse Aadam, contentíssimo. – Chegou hoje a carta. A partir de abril de 1919. O teu pai diz que vai conseguir arranjar comprador para a casa e para a loja de pedras preciosas.»

«Espantoso – disse Naseem, fazendo uma careta. – Eu é que tenho de encontrar outro médico. Não ser que me entregue nas mãos daquela bruxa que não percebe nada de coisa nenhuma.»

«Sou órfão – disse o Dr. Aziz – e tenho de ser eu a fazer o que a minha família devia fazer. Mas Ghani *sahib*, hoje, pela primeira vez, vim sem ter sido chamado. Não é visita de médico.»

«Meu caro amigo – disse Ghani, dando-lhe uma palmada nas costas –, é evidente que vais casar. L com um dote de primeira! Não vou olhar a despesas. Vai ser o casamento do ano, vai com certeza!»

«Não quero ir-me embora e deixar-te aqui» – disse Aziz a Naseem. E Ghani decidiu: «Acabou-se comédia! Esse lençol estúpido não tem razão de ser! Mulheres, acabou-se o lençol! A partir de agora eles estão noivos.»

«Até que enfim que te vejo toda – disse Aziz. – Mas tenho de ir ver os outros doentes. E tenho l em casa uma amiga. Vou contar-lhe tudo, ficará satisfeítíssima com a notícia. Uma amiga alemã.»

«Não, menino Aadam – disse-lhe o criado –, não vejo Ilse *begum* desde esta manhã. Foi dar um volta no *shikara* do velho Tai.»

«Que posso eu dizer, senhor doutor? – resmunga Tai, humilde. – É para mim uma honra se intimado a comparecer em casa duma pessoa tão importante. A senhora alugou-me o barco para i visitar os Jardins Mogóis antes de o lago gelar. Uma senhora muito calma, doutor *sahib*, não abriu boca durante a viagem. E eu ia perdido nos meus pensamentos desinteressantes, como velho tolo que sou, e, de repente, olhei e não a vi sentada no banco. Juro, *sahib*, pela saúde da minha mulher, que não se consegue avistar nada atrás do encosto do banco, não posso dizer como foi. Acredita num pobre barqueiro velho que foi teu amigo quando eras menino...»

«Com licença, *baba* – disse o velho criado, entrando –, acabo de encontrar este papel em cima d mesa.»

«Eu sei onde ela está – disse o Dr. Aziz, olhando Tai nos olhos. – Não sei como é que consegue continuar metido na minha vida; em tempos mostraste-me o local e disseste-me: há estrangeiras que vêm aqui afogar-se.»

«Eu, *sahib*? – diz Tai escandalizado, fedorento, inocente. – É o desgosto que te dá a volta à cabeça. Como é que eu podia saber uma coisa dessas?»

Quando posteriormente alguns barqueiros pálidos recolheram o corpo inchado e coberto de algas Tai foi ao embarcadouro dos *shikaras* e disse aos homens que lá estavam e que recuaram diante d seu hálito de boi doente de disenteria: «Ele a acusar-me, vejam lá. É ele quem traz para cá a europeias desavergonhadas e depois diz que sou eu o culpado de elas se atirarem ao lago!... Eu s pergunto: como é que ele sabia do sítio onde se devia procurar? Perguntem-lhe, vá, perguntem a

menino Aziz!»

O bilhete que ela deixou dizia: «Não o fiz de propósito.»

Não farei comentários; cabe aos outros julgarem estes acontecimentos que me escaparam dos lábios, alterados pela emoção e pela pressa. Deixem-me agora ser direto e dizer que, durante o longo e duro inverno de 1918-1919, Tai adoeceu, contraiu uma gravíssima moléstia de pele, parecida com aquela praga europeia a que se chama o «mal do rei»; mas recusou a visita de Aziz e foi tratado por um homeopata local. E em março, quando o gelo do lago derreteu, foi celebrado o casamento numa tenda enorme erguida nos jardins do latifundiário Ghani. O contrato de casamento atribuía a Aziz uma respeitável quantia que o ajudaria a comprar uma casa em Agra e, por exigência expressa do doutor Aziz, o dote incluía um determinado lençol com um buraco. Os noivos tomaram assento sob um baldaquino, cobertos de flores, imóveis, enquanto os convivas, passando diante deles, lhes lançavam rupias no regaço. Nessa noite, o meu avô colocou o lençol na cama, debaixo dele e da noiva e, de manhã, adornavam-no três gotas de sangue em forma de triângulo. O lençol foi exposto após a cerimónia da consumação, veio um automóvel alugado pelo latifundiário buscar os meus avós e levá-los até Amritsar onde tomariam o comboio para a fronteira. Em filas cerradas, as montanhas viram o meu avô abandonar a terra natal pela última vez. (Haveria de regressar, mas para nunca mais partir.) Aziz julgou ver um velho barqueiro a segui-los com o olhar, mas não era verdade, porque Tai estava doente. A cúpula do templo situado no cume de Sankara Acharya, a que os muçulmanos chamavam o Takht-e-Sulaiman, ou Trono de Salomão, não lhes prestou atenção. Os choupos despídos pelo inverno e os campos de açafão cobertos pela neve erguiam-se à esquerda e à direita enquanto o carro ia descendo para sul, transportando numa mala a velha pasta de couro dentro da qual iam, entre outras coisas, um estetoscópio e um lençol. O Dr. Aziz sentiu no vazio do estômago uma sensação semelhante à ausência de peso.

Ou a sensação de quem cai.

(... E aqui vou transformar-me em fantasma. Tenho nove anos e toda a família, o meu pai, a minha mãe, Macaca de Cobre e eu próprio estamos em casa do meu avô em Agra; os netos – entre os quais me incluo – representam o habitual espetáculo de Ano Novo; foi-me dado o papel dum fantasma. Por tal motivo – clandestinamente, para que o segredo não seja revelado –, dou volta à casa toda, à catada de um disfarce. O meu avô saiu em visita profissional. Estou no quarto dele. Em cima dum armário está uma velha mala coberta de pó e de teias de aranha, mas não fechada à chave. E, dentro dela, aquilo que procuro. Mais do que um lençol, um lençol com um buraco... No interior da pasta de couro que está dentro da mala, sob um velho estetoscópio e um inalador Vick bolorento... O aparecimento do lençol no decorrer do espetáculo fez sensação. Ao vê-lo, o meu avô pôs-se aos pulos e aos gritos. Subiu para o estrado e defantasmou-me na presença de toda a gente. A minha avó apertava os lábios com tanta força que davam a impressão de terem desaparecido. Um dos meus avós mugia com a voz dum velho barqueiro, o outro exprimia o seu furor fazendo desaparecer os lábios assim reduziram o impressionante fantasma a um destroço lacrimajante. Meti o rabo entre as pernas e fugi para o milheiral, sem saber o que se tinha passado. Fiquei sentado – porventura no local exacto em que Nadir Khan se sentou também! –, durante horas e horas, jurando nunca mais abrir uma mala proibida, vagamente zangado por ela não ter sido fechada à chave. Mas, à vista da fúria por ele demonstrada, fiquei a saber que o lençol era efetivamente uma coisa muito importante.)

~~Padma interrompeu-me, trouxe-me o jantar e não me deixou comer nada. Recorreu à chantagem~~ «Já que resolveste passar o tempo a estragar a vista a escrever essas garatujas, vais ter de mas ler. Tive de merecer o jantar... mas é possível que a nossa Padma seja útil, porque é impossível evita que seja crítica. A coisa que mais a irrita são as observações que fiz sobre o nome dela. «Que é que tu percebes, menino da cidade? – exclamou, flagelando o ar com a mão. – Lá na minha aldeia não vergonha nenhuma ter o nome da deusa da Bosta. Escreve aí que te enganaste, completamente.» Er conformidade com os desejos do meu lótus, aí fica um breve *péan* em louvor da Bosta.

Bosta que fertilizas e fazes medrar as colheitas! Bosta achatada como um bolo *chapati*, quando fresca e húmida, vendida aos trolhas da cidade que te usam para reforçarem as paredes das casas de *kadocha* feitas de lama! Longo caminho é o que tu percorres, Bosta, depois de saíres da parte traseira das vacas, com vista à explicação do seu estatuto divino e sagrado! Errei, sim, reconheço os meus preconceitos, causados certamente pelo teu cheiro infeliz que ofendia as minhas ventas sensíveis. que maravilha, que ventura inefável é usar o nome da Patrona da Bosta!

... No dia 6 de abril de 1919, a cidade santa de Amritsar cheirava gloriosa e celestialmente, Padma!, a excremento. E certamente o (beatífico) cheirete não feria o nariz do meu avô: afinal de contas, os camponeses de Caxemira, como acima se disse, usavam-na como argamassa. Mesmo em Srinagar não era espetáculo raro os vendedores ambulantes a empurrar carrinhos cheios de bosta. Mas aqui a mercadoria era seca, transformada, útil. A bosta de Amritsar era fresca e (pior do que isso) demasiada. Não era só de origem bovina. Provinha também das tripas dos cavalos que puxavam os numerosos *tongas*, *ikkas* e *gharries* municipais; também as mulas, os homens e os cães ouviam o apelo da natureza e se reuniam na fraternidade da merda. Mas eram sobretudo as vacas, criatura sagradas que erravam pelas ruas poeirentas, cada uma no seu território, que os excrementos delimitavam. E eram as moscas! O inimigo público número um, zumbindo de cagalhão em cagalhão fresco, festejando e fertilizando estes presentes que gratuitamente lhes eram oferecidos. Toda a cidade fervilhava de atividade, espelhando a agitação das moscas. O Dr. Aziz contemplava todo aquele espetáculo da janela do quarto, enquanto um *jain* com cara de máscara se entretinha a varrer o chão com uma vassoura de ramos, com receio de pisar alguma formiga ou mosca. De um banco ambulante vinha o cheiro adocicado das especiarias. «*Pakor*s quentes! Quentes *pakor*s!» Uma mulher branca comprava seda numa loja do outro lado da rua e os homens de turbante observavam-na pelo canto do olho. Naseem (agora Naseem Aziz) sentiu uma tremenda dor de cabeça; nunca antes tivera uma doença mais do que uma vez, a vida longe do seu vale sereno constituíra para ela um grande choque. Tinha à cabeceira da cama um jarro de limonada fresca que em breve estaria vazia. Aziz estava à janela, aspirando os cheiros da cidade. Mas sentiu uma comichão no nariz: havia qualquer coisa a dar para o torto.

Grande plano da mão direita do meu avô: as unhas as articulações os próprios dedos todos maiores do que se poderia esperar. Tufos de pelos ruivos. O polegar e o indicador muito juntos um do outro separados apenas pela espessura duma folha de papel. Em resumo: o meu avô tinha na mão um panfleto. Tinham-lho metido na mão (passamos a um plano de conjunto: toda a gente em Bombaim tem um vocabulário cinematográfico de base) ao entrar no átrio do hotel. Um garoto a fugir para a porta giratória, os panfletos espalhados pelo chão, o *chaprassi* a correr atrás do garoto. Grande rebulição junto da porta, correrias de cá para lá; até que a mão do *chaprassi* justifica um grande plano porque o polegar junta-se ao indicador e ambos os dedos ficam separados apenas pela espessura da orelha do garoto. Expulsão do jovem semeador dos panfletos infames; mas o meu avô ficou com um na mão. Da janela onde está avista outro igual na parede em frente; e mais outro no minarete dum

mesquita; e nas parangonas dum jornal que um vendedor leva debaixo do braço. Panfleto jornal, mesquita e parede bradam: *Hartal!* O que à letra significa dia de luto, de repouso, de silêncio. Estamos na Índia da juventude do Maatma e, como a própria língua obedece às instruções de Gandhi, a palavra adquiriu, por influência dele, novas ressonâncias. *Hartal*, 7 de abril: dizem a mesquita o jornal a parede o panfleto, porque Gandhi decidiu que nesse dia toda a Índia devia parar. Para repousadamente, lamentar a longa presença dos ingleses.

«Não compreendo como há *hartal*, se ninguém morreu – diz Naseem, chorando baixinho. – Porquê é que o comboio não anda? Quanto tempo vamos ficar aqui parados?»

O Dr. Aziz vê na rua um jovem de porte marcial e pensa: os indianos combateram a favor dos britânicos; são tantos os que ficaram a conhecer o mundo e foram corrompidos pelos estrangeiros não será fácil reintegrarem-se no mundo antigo. Os britânicos fazem mal em querer obrigar o relógio a andar para trás. Murmura: «Foi um erro votar a Lei Rowlatt.» Naseem geme: «Qual Rowlatt? Tenho alguma coisa a ver com isso?» Aziz explica: «Contra a agitação política» e continua mergulhado nos seus pensamentos. Tai tinha dito uma vez: «Os de Caxemira não são como os outros. São uns covardes. Nas mãos dum homem de Caxemira uma arma tem de funcionar sozinha, porque ele não se atreve a carregar no gatilho. Não somos como os indianos, que andam sempre em luta. Aziz, com Tai no pensamento, não se sente indiano. Caxemira, afinal, não faz parte do império; é um principado independente. Aziz não tem a certeza de que o *hartal* que o panfleto a mesquita a parede o jornal decretam lhe diga respeito, apesar de viver doravante em território ocupado. Sai da janela...

... e vai dar com Naseem na cama a chorar. Não deixou de chorar desde que ele lhe pediu, na segunda noite depois de casarem, para se mexer mais. «Mexer o quê? Mexer-me como?», perguntou. Ele, atrapalhado, disse-lhe: «Mexer-te, só isso, como qualquer mulher...» Ela soltou gritos de horror. «Meu Deus! Com quem havia de casar! Já se sabe como são estes senhores regressados da Europa. Conhecem lá mulheres terríveis e depois querem que nós sejamos iguais a elas. Fica sabendo, doutor *sahib*, meu marido ou não, fica sabendo que não sou nenhuma mulher da vida.» Deste combate meu avô não saiu vencedor; e seria esse o tom geral daquele casamento que não tardou a transformar-se num lugar de conflitos frequentes e devastadores que transformaram a jovem ocultada pelo lençol e o médico desajeitado em seres diferentes e estranhos. «Então, mulher?», pergunta o Dr. Aziz. Naseem esconde o rosto no travesseiro: «Que é que queres? – diz ela numa voz abafada. Queres que passeie nua diante de estranhos?» (Ele tinha-lhe pedido para não tornar a usar o *purdah*.)

Ele diz-lhe: «O vestido cobre-te desde os pulsos até aos joelhos. As calças tapam-te até aos tornozelos. Só ficam à vista os pés e o rosto. Será que os pés e o rosto são obscenos, mulher?» Mas ela geme: «Eles veem mais do que isso! Acabarão por ver toda a profundidade da minha vergonha.»

Segue-se um acidente que nos introduz no mundo do mercurocromo... Aziz, sentindo-se a perder o sangue-frio, tira da mala todos os *purdah* da mulher, deita-os num recipiente metálico para papéis com o retrato do guru Nanak pintado, e lança-lhe fogo. As chamas elevam-se inesperadamente e começam a lambe um cortinado. Aadam corre para a porta a pedir socorro, enquanto o cortinado barato se incendeia... Criados clientes lavadeiras de roupa entram de enxurrada no quarto e abafam o fogo com panos de pó e roupas provenientes da lavanderia. Vêm baldes de água; o fogo é apagado. Naseem aninha-se na cama enquanto cerca de trinta e cinco *sikhs*, hindus e intocáveis se reúnem no quarto cheio de fumo. Acabam por sair e Naseem, antes de fechar obstinadamente a boca, solta apenas estas duas frases: «Estás louco. Quero mais limonada.»

O meu avô abre a janela e volta-se para a jovem esposa: «O fumo vai demorar a sair. Vou dar um volta. Queres vir?»

Boca fechada; olhos fechados; apenas um aceno negativo da cabeça. «Não te portes como um

rapariga de Caxemira. Faz-te uma indiana moderna.»

... Neste entretanto, no quartel-general do exército britânico, o brigadeiro R. E. Dyer afaga bigode.

Estamos a 7 de abril de 1919 e, em Amritsar, o projeto do Maatma foi distorcido. As lojas fecharam; as estações fecharam; mas a multidão amotinada pôs tudo a saque. O Dr. Aziz, com uma pasta de couro na mão, anda pela rua a prestar socorro onde isso é possível. Alguns corpos espezinhados ficam no sítio onde caíram. O médico pensa nas feridas e lambuza-as de mercurocromo, o que lhes dá todo o aspeto de sangrarem, mas que ao mesmo tempo as desinfeta. Regressa ao quarto do hotel, com as roupas manchadas de vermelho, provocando o pânico de Naseem. «Deixa, deixa que eu trato de ti! O homem com quem eu casei, por Alá! Foi para a rua lutar com os vagabundos.» Corre para ele, com panos de algodão molhados em água: «Não percebo porque é que não és um médico respeitável como os outros, como os que tratam doenças importantes e coisas assim! Deus meu, estás cheio de sangue! Senta-te, senta-te, deixa-me lavar-te, ao menos.»

«Não é sangue, mulher.»

«Achas que eu não tenho olhos para ver? Porque é que escarneces de mim, ferido como estás? A tua mulher não tem o direito de tratar de ti?»

«É mercurocromo, Naseem, é um remédio vermelho.»

Naseem, que andava num torvelinho de um lado para o outro, à procura de panos, a fechar e a abrir as torneiras, ficou petrificada: «Fizeste de propósito, para caçoares de mim – diz Naseem. – Eu não sou nenhuma estúpida. Tenho lido muitos livros.»

Estamos a 13 de abril e eles continuam em Amritsar.

«Ainda não acabou – disse Adam a Naseem. – Não podemos sair daqui; podem necessitar de médicos.»

«Então vamos ter de ficar aqui até ao fim do mundo?»

Ele esfrega o nariz: «Tanto tempo, não, espero.»

À tarde, a multidão enche as ruas, subitamente, toda a gente corre para o mesmo lado, desafiando os regulamentos da nova lei marcial de Dyer. Adam disse a Naseem: «Deve haver manifestação. Os militares vão intervir. Estão proibidas as manifestações.»

«Mas porque é que tu lá vais? Porque é que não esperas que te chamem?»

... Um *compound* é uma série de coisas, pode ser um descampado ou um jardim público. Em Amritsar há um chamado Jallianwala Bagh, o maior de todos. Não há relva, só se veem pedras latas de conserva garrafas e coisas assim. Para se entrar, tem de se descer por uma viela estreita entre dois prédios. No dia 13 de abril milhares de indianos congregam-se na ruela. «É uma manifestação pacífica», diz alguém ao Dr. Aziz. Empurrado pela multidão, chega à entrada da ruela. Com uma pasta de Heidelberg na mão direita. (Dispensa-se o grande plano.) Está assustado, muito assustado porque sente no nariz uma comichão como nunca teve; mas é um médico experiente, esquece tudo e entra no recinto. Está alguém a fazer um discurso inflamado. Os vendedores ambulantes esgueiram-se pelo meio da multidão, vendendo *channa* e bombons. Anda muito pó no ar. Tanto quanto o meu avô pode perceber, não há *goondas* nem perturbadores da ordem. Um grupo de *sikh* estendeu no chão um cobertor e sentam-se todos a comer. Anda no ar um cheiro a trampa. Aziz mistura-se com a multidão no momento em que o brigadeiro R. E. Dyer chega à entrada da viela.

- [Raw Food For Dummies for free](#)
- [click Los sufrimientos del joven Werther \(Penguin Clásicos\)](#)
- **[download online Nonequilibrium Thermodynamics And Its Statistical Foundations](#)**
- [Backstage at the Lincoln Assassination: The Untold Story of the Actors and Stagehands at Ford's Theatre pdf](#)
- **[download online El giro: De cómo un manuscrito olvidado contribuyó a crear el mundo moderno online](#)**
- **[download online Apache Solr 3.1 Cookbook](#)**

- <http://wind-in-herleshausen.de/?freebooks/Raw-Food-For-Dummies.pdf>
- <http://bestarthritiscare.com/library/Los-sufrimientos-del-joven-Werther--Penguin-Cl--sicos-.pdf>
- <http://rodrigocaporal.com/library/Nonequilibrium-Thermodynamics-And-Its-Statistical-Foundations.pdf>
- <http://monkeybubblemedia.com/lib/Why-the-Humanities-Matter--A-Commonsense-Approach.pdf>
- <http://pittiger.com/lib/A-Life-of-Courage--Sherwin-Wine-and-Humanistic-Judaism.pdf>
- <http://xn--d1aboelcb1f.xn--p1ai/lib/Intuition-and-Your-Sun-Sign--Practical-Methods-to-Unlock-Your-Potential.pdf>